

## A CRÔNICA DE JUCA KFOURI: CRÍTICA E PESSOALIDADE NO JORNALISMO ESPORTIVO

Pedro de Brito Sarolli<sup>1</sup>  
Franciele Luzia Orsatto<sup>2</sup>

**RESUMO:** A crônica é um gênero do jornalismo contemporâneo, cujas raízes estão ligadas à literatura e à manifestação da opinião. Popular no Brasil, a crônica ganhou força ao longo dos anos, principalmente no ramo esportivo, por lidar com a paixão da maioria dos brasileiros: o futebol. Por conta disso, o presente artigo tem como objeto de estudo crônicas esportivas do jornalista Juca Kfourri, e busca observar como se manifestam algumas das características do gênero, como a personalidade e o diálogo direto. Parte-se do pressuposto de que a crônica é uma maneira diferente de abordar temas relativamente banalizados pela mídia, como o esporte. Além disso, o artigo visa analisar a transcendência da crônica e a diferença de cronistas que escrevem para durar e permanecer na memória do leitor. O jornalista-autor Juca Kfourri foi escolhido por ter um histórico polêmico, de luta pela justiça, boa administração e transparência em várias modalidades do esporte. Para iniciar as observações, faz-se uma reflexão sobre os gêneros do discurso, ancorada em Bakhtin (2010). Discutem-se, também, as características do jornalismo literário e as especificidades do gênero crônica. Contribuições de diversos teóricos são mobilizadas, como, por exemplo, os estudos de Moisés (1984), Sá (2002) e Marques de Melo (1985-1992). Com a pesquisa, foi possível verificar as características principais da crônica de Juca Kfourri e constatar que, em boas mãos, este gênero pode transcender a efemeridade e durar na memória do leitor. Além disso, a boa crônica possui um poder historicista, que demonstra os valores de uma época em relação a determinado assunto. Ela pode, portanto, ser uma ferramenta diferenciada de fonte de informação, que, devido à proximidade que estabelece com o público, atrai mais leitores.

**PALAVRAS-CHAVE:** crônica, jornalismo literário, crônica esportiva.

### INTRODUÇÃO

O jornalismo tradicionalmente foi construído com uma escrita que preza pela objetividade e pela imparcialidade – mesmo sabendo que esta configura um ideal inatingível. Assim como afirma Abramo (2003), os meios de comunicação induzem o leitor a ver o mundo

---

<sup>1</sup> Acadêmico do 7º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade Assis Gurgacz (FAG). pedrosarolli@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora orientadora. Graduada em Jornalismo pela Faculdade Assis Gurgacz (FAG) e em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Mestre em Letras e Doutoranda em Letras também pela Unioeste. francieleluzia@yahoo.com.br

não como ele é, mas sim como se quer que ele veja. Embora no início do jornalismo os textos fossem muito próximos à literatura, a subjetividade e a utilização da narração ou elementos textuais comuns à literatura foram deixados de lado por um tempo, principalmente no século XX. Com as transformações estilísticas e gráficas dos jornais, recursos literários – cuja presença, anteriormente, era comum – foram deixados para segundo plano, dando lugar à cobertura factual e objetiva. Como aborda Pena (2006), a literatura se torna apenas um suplemento. Os cadernos destinados a ela ficam cada vez menos populares, pois perdem espaço para páginas voltadas à cobertura factual dos acontecimentos. Assim, a literatura vai perdendo a proximidade com o texto jornalístico, característica comum dos primórdios do jornalismo.

Segundo Marcondes Filho (2000), no início do jornalismo, no século XVII e XVIII, a imprensa era caracterizada pela produção artesanal, semelhante ao estilo de um livro. Depois, passou a ser caracterizada pelo conteúdo literário e político, comandado por escritores, políticos e intelectuais. A partir do século XIX, o jornalismo começou a assumir o formato de objetividade, marcado pela informação e fidelidade aos fatos e às técnicas textuais da atividade.

A prática da utilização do lead<sup>3</sup>, da pirâmide invertida<sup>4</sup> e a cobertura factual de maneira mecanizada na escrita jornalística começou a deixar de ser o modelo oficial para alguns jornalistas e meios de comunicação em 1960, nos Estados Unidos. Tom Wolfe, Truman Capote, Gay Talese e Norman Mailer foram os precursores da corrente intitulada *New Journalism*<sup>5</sup>, que prezava pela liberdade narrativa e textual, contrariando algumas das tradicionais ferramentas jornalísticas. Como escreve Fernando Resende, "Tom Wolfe e os parceiros do Novo Jornalismo vocalizaram, na década de 60, uma vigorosa reaproximação à literatura." (RESENDE, 2002, p. 13).

O *New Journalism* foi apenas uma fase, ocorrida nos Estados Unidos, do processo de criação do que Pena (2006) denomina Jornalismo Literário – que diz respeito a um conceito muito mais amplo. Diferentemente do que aconteceu no cenário norte-americano – onde a reportagem utilizando recursos literários teve destaque –, no Brasil, um dos gêneros que mais se aproximou da linguagem literária foi a crônica. Os cronistas são marcados pela liberdade textual, o que os fez desenvolverem subjetividade, opinião e narrativas em seus textos, principalmente nas crônicas esportivas. Estas tiveram destaques com vários nomes, mas, no Brasil, o precursor e o mais famoso deles é Nelson Rodrigues<sup>6</sup>, que escrevia crônicas sobre o futebol em textos

<sup>3</sup> Nomenclatura dada ao primeiro parágrafo de uma reportagem, que deve conter, obrigatoriamente, questões básicas como: Quem? O que? Como? Onde? Quando? Por quê?

<sup>4</sup> Tipo de redação jornalística que privilegia a disposição das informações em ordem decrescente de importância.

<sup>5</sup> Também denominado de *Novo Jornalismo*, literatura não ficcional, jornalismo em profundidade, entre outras nomenclaturas que se referem à mesma corrente.

<sup>6</sup> Nelson Rodrigues (1912-1980) foi um notável jornalista, dramaturgo e escritor brasileiro.

carregados de emoções e ricos em detalhes.

Na contemporaneidade, Juca Kfourri passou a ser um dos nomes de maior sucesso no território brasileiro. Por conta disso, este artigo visa analisar três textos produzidos por Kfourri ao longo dos anos na coluna de esportes da *Folha de São Paulo*.

José Carlos Amaral Kfourri é formado em Ciências Sociais pela USP (Universidade de São Paulo), teve passagens por diversos meios de comunicação e atualmente é apresentador e comentarista da rádio CBN, do canal de televisão ESPN Brasil e é colunista da Folha e do site UOL. Kfourri é conhecido na mídia pelas várias bandeiras levantadas ao longo de sua carreira, como a luta por uma gestão limpa no esporte e o asco à “cartolagem”, levando sempre em conta a política e os negócios que sobressaem às paixões geradas pelos fãs do esporte, principalmente no futebol.

Assim, neste artigo, analisam-se três crônicas inseridas no livro intitulado *Porque não desisto* (2009), em alusão à persistência do jornalista em abordar as causas do esporte. Tal obra, publicada pela editora Disal, contém uma seleção de cinquenta e sete crônicas escritas ao longo dos trinta anos de carreira de Kfourri, e, como o próprio subtítulo sugere, aborda os entrelaces entre futebol, dinheiro e política, em textos nos quais o autor expõe de maneira crítica as faces “ocultas” desse esporte.

A primeira crônica a ser analisada é homônima ao livro “Porque não desisto?”, publicada originalmente na Folha de São Paulo em 22/08/2000; este texto foi escolhido para representar a personalidade e como a informalidade de sua escrita podem também servir como fonte de informação. A segunda é a “Morte e vida futebol”, em alusão ao clássico de João Cabral de Melo Neto “Morte e Vida Severina”<sup>7</sup>, veiculada no mesmo jornal em 23/10/2005; este escolhido para exemplificar que a abordagem esportiva pode ser um caminho para ampliar a discussão para outros assuntos. Por último, “Por que só falamos de futebol”, presente no mesmo jornal do dia 30/07/1999. Este último foi escolhido para exemplificar a importância do diálogo direto com o leitor para a produção de uma crônica.

Diante do material selecionado, intui-se observar como o autor utiliza a liberdade textual proveniente do gênero para trabalhar a linguagem, recheada de subjetividade e diálogo direto com o leitor, características do mesmo.

---

<sup>7</sup> *Morte e Vida Severina* é um clássico da literatura brasileira. Publicado em 1955, o livro apresenta um poema dramático, que relata a trajetória de um migrante nordestino em busca de uma nova vida no litoral.

Outro objetivo do artigo é descobrir como a personalidade do autor, a linguagem informal, o uso de primeira pessoa e o posicionamento explícito sobre os assuntos contribuem para a abordagem de temas recorrentes na mídia esportiva.

Primeiramente, propõe-se uma discussão sobre jornalismo e literatura, com a finalidade de embasar a observação posterior dos elementos presentes na construção da crônica. Em seguida, foca-se na crônica esportiva para, depois, chegar-se à análise dos textos do jornalista Juca Kfourri, confrontando os conceitos teóricos com o objeto de estudo em questão.

## JORNALISMO E LITERATURA

Assim como dizem Castro e Galeno (2002), o jornalismo e a literatura são atividades que se aproximam porque sobrevivem do mesmo meio – a palavra – e do mesmo fim – a conquista de leitores. É devido a isso que os dois campos distintos se encontram em diversos momentos da história e da construção textual.

Como já destacado, a influência da literatura está presente na origem do jornalismo. Marcondes Filho (2002) afirma que, no século XVII e XVIII, a imprensa se caracterizava por produções embasadas nas construções literárias. Só depois, no final do século XIX e início do XX, a literatura se transforma em suplemento, e “a objetividade e a concisão substituem as belas narrativas” (PENA, 2006, p. 40).

O *hard news*<sup>8</sup> ganha força e dita as leis nos meios de comunicação, fazendo com que os jornalistas vivam em função da cobertura cotidiana, deixando de lado algumas características textuais da literatura. É exatamente isso que Castro e Galeno (2002, p. 59) afirmam: “o jornalismo foi construído como uma escrita da objetividade no qual a acurácia e a precisão são elementos chaves em oposição à subjetividade artística da literatura”.

Entretanto, esse modo de escrita objetiva começou a não suprir as necessidades linguísticas dos escritores que, por sua vez, buscavam novos elementos para aprimorar suas matérias jornalísticas. Notava-se, claramente, uma falta de elementos humanos, matérias mais profundas e ricas de detalhes, que o modelo baseado no *lead* já não dava conta. O jornalismo precisava abordar assuntos de maneira diferente, humanizando e retratando de outra forma temas e acontecimentos sociais ao longo do mundo, que necessitavam, muitas vezes, causar um efeito

---

<sup>8</sup> Literalmente o termo poderia ser traduzido como notícias fortes. Designa a cobertura diária e factual do cotidiano, caracterizado pelo uso de ferramentas textuais do jornalismo, como o *lead* e a pirâmide invertida.

catártico no leitor. Por isso, uma nova forma de jornalismo se fazia necessária. Assim, começa a surgir um movimento jornalístico que rompe com os parâmetros já convencionais, buscando uma nova maneira de ver e escrever sobre diversos temas.

O *New Journalism* foi essencial para a criação do gênero Jornalismo Literário, do qual falaremos adiante. A matéria que deu início a essa nova forma de se fazer jornalismo foi creditada a John Hersey, que, em 1946, publicou um impecável livro-reportagem sobre a bomba atômica lançada em Hiroshima no ano anterior. Tal publicação ganhou destaque por despertar sentimentos em seus leitores, que, até então, não tinham total conhecimento do horror provocado aos habitantes da cidade japonesa atingida pelos americanos. Hersey valeu-se de elementos humanos ao descrever minuciosamente o sofrimento e os efeitos sociais causados às pessoas afetadas pela bomba. Com isso, a matéria causou forte impacto na sociedade da época, sendo referência no meio acadêmico até os dias de hoje. Nesse contexto, é possível observar os motivos que levaram os jornalistas a aderirem a esse novo segmento da escrita jornalística:

Para [Tom] Wolfe, nos anos 60, os novos jornalistas tinham nas mãos a emergência de fatos sociais e culturais que os romancistas insistiam em desconsiderar, optando por uma representação menos comprometida com aqueles tempos, deixando aos novos jornalistas o caminho livre para que exercitassem um relato histórico-jornalístico que, caracterizado pelo uso de técnicas literárias, de algum modo pudesse também ficcionalizar os fatos. (RESENDE, 2002, p. 210)

Outro famoso expoente dessa vertente jornalística é Truman Capote, autor do romance de não ficção *A sangue frio* (1966), que aborda um real assassinato ocorrido em Kansas, nos Estados Unidos, além de retratar a degradação dos valores humanos e da artificialidade do *american way of life* que o país vivia na época. Observa-se, então, que o contexto social daquele período delineou um habitat perfeito para o surgimento do *New journalism*, como também apontam Castro e Galeno (2002, p. 20-21):

As diversas crises dos anos 60, que deram lugar a formas do *novo jornalismo* não só nos Estados Unidos, como também em toda a América Latina e na Europa, são um excelente exemplo de como a ruptura de fronteiras [...] fecundou a criatividade informativa no âmbito do jornalismo de modo que permitiu um importante impulso às formas de escrita literária que adotam a retórica do jornalismo.

Já, no Brasil, nesse mesmo ano de 1966, surgia a revista Realidade, que – nos mesmos moldes do *New Journalism* americano – primava pela liberdade do escritor, unificando a clareza e

detalhamento dos fatos, com o foco narrativo e suas especificidades, aproximando-se da literatura. Mesmo com o curto período de existência – circulou apenas dez anos –, a revista foi considerada um *magnum opus* pela imprensa brasileira, e, ainda hoje, é estudada, sendo objeto de análise de diversas pesquisas pelo país.

Então, o que se observa é importância do *New journalism* na gênese do jornalismo literário; porém, o movimento estadunidense não é único e centralizado. É pertinente, também, destacar o movimento latino-americano, com o colombiano Gabriel Garcia Marquez, como um dos principais expoentes de sua época.

Definir jornalismo literário não é simples, tendo em vista a universalidade da literatura e a factualidade do jornalismo – e considerando que, até mesmo, a própria definição de literatura é ampla e indefinida. Tem-se que ambos os gêneros se entrelaçam e se misturam, mas, também, em muito se divergem. Como expõem Castro e Galeno (2002, p. 73):

O jornalista traz quotidianamente o mundo para dentro do texto escrito. Põe no papel fatos, cenas, realizações, eventos dos mais variados, num movimento em que extrai o mundo a matéria-prima necessária para transformá-la em narração. Para o escritor, o movimento é inverso. O mundo exterior também é fundamental, mas não determinante como é para o jornalista, já que o escritor pode buscar na sua própria subjetividade toda a sua literatura, fazer da memória a fonte da sua escritura, tornar eventos "pouco jornalísticos" significativos do ponto de vista humano, e até mesmo fazer o jornalismo virar literatura.

Outros pontos que devem ser levados em conta se referem ao aspecto amplo e profundo da literatura. Tanta a pluralidade dos seus conceitos, tem-se que a literatura não é afetada pelo tempo - ela é atemporal. Já o jornalismo não é livre na mesma amplitude; ele é pautado em fatos concretos do cotidiano e a busca pelo imediatismo, ou seja, por informar o que está acontecendo e o que aconteceu no dia anterior são as bandeiras da maioria dos meios de comunicação. A velocidade da troca de informações, principalmente pelo advento da Internet, só contribuiu para que os acontecimentos estivessem disponíveis o mais rápido possível, nos sites dos órgãos de imprensa tradicionais ou em portais dedicados somente à veiculação de notícias.

Apesar de o advento Internet acelerar a produção de alguns gêneros jornalísticos caracterizados pelo imediatismo, o Jornalismo Literário se opõe a esse turbilhão de informações e a essa velocidade, em que o leitor recebe informações fragmentadas, que não perduram.

Por conta disso, surgiu o movimento para unificar literatura e jornalismo, visando ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, como observa Pena (2006, p. 13):

[O jornalismo literário] Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe da feira.

Portanto, a preocupação do Jornalismo Literário é contextualizar e expandir as informações de maneira ampla e detalhada, com um texto que deve possuir caráter jornalístico – informando e conduzindo o leitor – mas que deve, também, desfrutar da liberdade narrativa e textual da literatura. Para a produção no gênero, Pena (2006) afirma que o jornalista deve romper com alguns traços do jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade. O autor conclui a definição com a real importância para adeptos deste estilo textual que, segundo ele, devem prezar pela permanência, ou seja, prezar por um texto que marque e não seja passageiro ou facilmente esquecido pelo leitor:

o objetivo [...] é a permanência [...]. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação. (PENA, 2006, p. 15).

Existem várias zonas de apoio e aproximação entre o jornalismo e a literatura que podem ser encontradas nas crônicas. Segundo Marques de Melo (2004), a crônica é um gênero híbrido entre jornalismo e literatura; suas características são abordadas, mais atentamente, a seguir.

## A CRÔNICA

A crônica é antes de qualquer coisa um gênero jornalístico ou, como define Bakhtin (2003), um gênero do discurso. O teórico e pesquisador russo Mikhail Bakhtin é o primeiro a tratar dos gêneros de maneira mais ampla, afirmando que cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que denominamos gêneros do discurso.

Para o autor, toda a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados –orais ou escritos – que são unidades de comunicação verbal concretas e únicas. Cada esfera de utilização da língua possui seus tipos relativamente estáveis de enunciados, caracterizados por estilo, conteúdo temático e construção composicional próprias.

Todo estilo está indissolavelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso. Todo enunciado – oral ou escrito, primário e secundário e também em qualquer campo de comunicação discursiva – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual (BAKHTIN, 2003, p. 265).

Tendo em vista as definições bakhtinianas, a crônica conhecida no Brasil nos dias de hoje nasceu na França, no século XIX. As primeiras aparições foram nos folhetins, que estavam localizados nos rodapés das páginas dos jornais. A intenção das publicações era entreter os leitores, geralmente trazendo assuntos variados. O folhetim é o embrião do gênero crônica e a marca fundamental da confluência entre jornalismo e literatura:

É em 1799 que o seu aparecimento ocorre, mercê dos feuilletons dados à estampa por Julien-Louis Geoffroy no Journal de Débats, que se publicava em Paris. Fazendo a crítica diária da atividade dramática, esse professor de retórica na verdade cultivava uma forma ainda embrionária de crônica. [...] Apesar de tudo, encontrou numerosos imitadores, inclusive nesse lado do Atlântico, surgidos após 1936 e que traduziam o termo francês por ‘folhetim’, mas já na segunda metade da centúria o vocábulo ‘crônica’ começou a ser largamente utilizado (também na acepção de ‘narrativa histórica’): não poucos escritores do tempo, desde Alencar e atingindo o apogeu em Machado de Assis, cultivaram a nova modalidade de intervenção literária. (MOISÉS, 1984, p. 245).

Na época, publicar narrativas literárias nos jornais proporcionava um aumento de leitores e, conseqüentemente, um aumento das vendas. Para os escritores, a publicação das narrativas também era um bom negócio, já que se mostrava como uma alternativa financeira e de visibilidade. Não é a por acaso que grandes escritores brasileiros, como Machado de Assis e José de Alencar, foram cronistas em jornais diários como a *Gazeta de Notícias* e o *Correio Mercantil*. Como os folhetins eram escritos visando atingir públicos variados, a linguagem também deveria ser mais acessível, fazendo com que os autores abusassem de estereótipos, clichês e outros recursos: “história de adultérios, amores impossíveis e odisséias tinham como objetivo a lágrima melodramática e o riso fácil” (PENA, p. 29, 2006).

Após a chegada ao Brasil, a crônica criou raízes e desenvolveu uma temática própria, levando alguns autores a considerarem o gênero tipicamente brasileiro. Para Moisés (1984), a crônica assumiu entre nós o caráter *sui generis* porque, mesmo que originária da França, como tantos outros movimentos literários, nunca teve características como as adquiridas no Brasil. Na França, a crônica possui um caráter historicista, primando pelo sentido de história, de

documentário.

Embora haja discordâncias por parte dos teóricos, a crônica de diários impressos ou digitais pode ser enquadrada como uma manifestação literária, sendo considerada uma fusão entre jornalismo e literatura. Segundo Marques de Melo (1992, p. 84), a primeira aproximação com a crônica nos leva imediatamente à esfera do literário. As características que marcam a escrita dos cronistas são as semelhanças com um diálogo, como uma conversa entre dois amigos em um bar. Escritas em linguagem coloquial, as crônicas são essencialmente breves e marcadas pela subjetividade, que, segundo Moisés (1984), é a característica mais relevante de todas:

Na crônica, [...] o ‘eu’ está presente de forma direta ou na transmissão do acontecimento segundo sua visão pessoal. A impessoalidade é não só desconhecida como rejeitada pelos cronistas: é a sua visão das coisas que lhes importa e ao leitor; a veracidade positiva dos acontecimentos cede lugar à veracidade emotiva com que os cronistas divisam o mundo (1984, p. 255).

A liberdade que os cronistas possuem é extrema, já que estão livres para expor seu ponto de vista, escrevendo sobre temas cotidianos ou qualquer outro assunto que convenha. A liberdade é prática frequente, inclusive para os cronistas esportivos.

A crônica e a imprensa esportiva ganharam relevância devido ao esporte mais popular do Brasil, o futebol. Quando o esporte enquanto competição começou a ganhar as páginas dos jornais impressos, a editoria e os jornalistas esportivos dispunham de pouco prestígio. Segundo Amaral (1978), só em 1922 os grandes jornais começaram a publicar fotos de lances de futebol na primeira página. Em 1940, a imprensa e os cronistas esportivos deixaram a obscuridade, desenvolvendo-se graças à paixão e aos êxitos provenientes do futebol praticado no Brasil. Caso o futebol não se tornasse tão popular, o jornalismo esportivo além de não angariar tantos leitores para os periódicos, estaria provavelmente relegado a um segundo plano no jornalismo brasileiro. Em 1950, como escrevem Barbeiro e Rangel (2012, p.55), prosas e crônicas esportivas faziam sucesso nos jornais impressos, tanto que alguns jogos ruins ou violentos podiam virar quase um romance na linha desses periódicos.

Segundo Marques (2004), o universo tão favorável a manifestações fantasiosas e emocionais como o futebol facilitou a adaptação do gênero crônica, que encontrou um lugar confortável na editoria de esportes: “É sintomático que até o termo “cronista” tenha passado a designar indistintamente, no Brasil, todo profissional da área esportiva (seja ele um mero repórter

ou locutor de rádio)” (MARQUES, 2004, p. 6)<sup>9</sup>.

Foi nessa vertente que o jornalista Juca Kfourri consagrou-se como um cronista esportivo, abordando temas referentes à esfera do esporte, principalmente sobre o futebol. Assim como escreve Moisés (1984), existe uma diferença entre publicar *no* e *para* o jornal. Segundo o autor, textos escritos para o jornal morrem automaticamente a cada dia, substituídos por outros e caindo no esquecimento. A crônica, assim como a de Kfourri, move-se entre ser escrita *no* e *para* o jornal, pois difere da matéria substancialmente jornalística, já que não visa à mera informação.

O seu objetivo, confesso ou não, reside em transcender o dia-a-dia pela universalização de suas virtualidades latentes, objetivo esse via de regra minimizado pelo jornalista de ofício. O cronista pretende-se não o repórter, mas o poeta ou ficcionista do cotidiano. (MOISÉS, p. 247, 1984).

Marques de Melo (1985, p. 116) também aborda o mesmo tema, dizendo que muitos cronistas realizam uma tradução livre da realidade principal, acrescentando ironia e humor à chatice do cotidiano, à dureza do dia a dia. É nesse contexto que, muitas vezes, as crônicas também são recheadas de informações jornalísticas, trazendo para os leitores assuntos pontuais de outra maneira, informando de maneira sutil e diferente, principalmente temas descontraídos, como é o caso do futebol.

A análise proposta por este artigo é realizada a partir de três textos de Kfourri, publicados em jornais e organizados no livro *Por que não desisto?* (2009) e busca entender os elementos que o autor utiliza, como a personalidade, o diálogo direto com o leitor, entre outros. O objetivo é mostrar como, em mãos habilidosas, a crônica pode transcender, por exemplo, a morte diária dos jornais impressos. Pretende-se, também, abordar como a crônica atua como fonte de informação, utilizando características da literatura e do jornalismo.

## A CRÔNICA DE JUCA KFOURI

### *Porque não desisto?*

A primeira crônica a ser analisado é homônima ao livro, intitulada *Por que não desisto?*,

---

<sup>9</sup> Apesar de correta, a definição sobre a popularização da palavra “cronista” deve ser lida com cautela, já que o autor da frase parece ter pecado ao classificar os repórteres como “meros” – afinal, são eles os responsáveis pela produção jornalística das redações.

veiculada na *Folha de São Paulo* em 2008. A crônica escrita por Kfoury faz um breve resumo de sua vida, relatando o porquê seguiu na profissão e porque não desiste da luta pela verdade e pela transparência no jornalismo esportivo. Juca questiona-se e questiona o leitor sobre porque continuar a exercer o trabalho de jornalista, já que, na época em que o texto foi escrito, Ricardo Teixeira, então presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), estava no auge do poder e seu cargo continuava estável após 12 anos de presidência, além de ser bajulado e possuir relação próxima com políticos, inclusive com Luis Inácio Lula da Silva.

Ricardo Teixeira é um antigo desafeto do jornalista. Kfoury escreveu e denunciou diversas vezes o ex-presidente, sob suspeita de corrupção na entidade. Absolvido das denúncias, Ricardo Teixeira deixou a CBF em 2012. No período em que Juca escreveu a crônica, Ricardo era alvo de elogios, apesar de estar sob investigação.

Pode-se destacar a proximidade estabelecida com o leitor já na primeira frase: “Ponha-se no meu lugar [...]”. O texto continua:

Imagine-se aos 20 anos de idade, na USP, sonhando em fazer carreira universitária. Aí, surge um convite de uma grande editora para você ir ganhar bem num trabalho com um tema que você adora, o futebol, e que não impedirá a continuidade do curso na faculdade. (2009, p. 9).

Neste trecho da crônica, Juca fala sobre sua vida abertamente, transportando o leitor para os episódios vividos e contando decisões tomadas ao longo de sua trajetória, utilizando de uma linguagem, como escreve Sá (1985, p.11), mais próxima da conversa entre dois amigos do que normalmente ocorre no texto escrito. A informalidade aproxima o leitor ao assunto e à vida do cronista.

Além de expor fatos pessoais sem problemas ou sigilos, Juca demonstra sinceridade nas linhas, reconhecendo suas qualidades e êxitos profissionais, mas não os considera motivo para deixar de exercer suas convicções:

Você, no entanto, se deu bem e, apesar dos inúmeros erros, manteve seus princípios intactos [...]. Está, portanto, reclamando do quê? Ponha-se no meu lugar, insisto. Você é doido por futebol, torce pelo Corinthians (outra herança paterna) e o que vê, quatro décadas depois de ter começado na profissão? (2009, p. 10).

O fragmento acima, além de possuir outra característica da crônica destacada por Moisés (1984) – a linguagem coloquial – possui traços de subjetividade, demonstrando a sinceridade do autor, que não esconde opiniões e relata até o seu time de coração, o Corinthians.

Complementando o que havia escrito, Kfourri continua o texto questionando o porquê Ricardo Teixeira, alvo de tantas denúncias de corrupção, não só resistia no poder, como ainda recebia bajulações de políticos e afins. O parágrafo é encerrado com a frase: “Se não bastasse, o Rei se curva diante dele”. O tom característico do autor – a crítica bem humorada – é perceptível na alusão que o cronista faz a Pelé. Por meio da leitura de trechos como esse, pode-se perceber que o estilo do cronista começa a ser desenhado. E, assim como escreve Moisés (1984, p. 256), cronista sem estilo parece incongruência. Já é possível notar as características principais da obra de Kfourri, que devido à flexibilidade e liberdade do gênero, é difícil classificar e comparar com outros cronistas. Para Moisés (1984), o estilo pode ser considerado um instrumento de certa visão de mundo.

O autor termina o texto mais uma vez retomando a personalidade, principal característica da crônica em questão.

Não é para desistir de tudo, neste país em que somos traídos diariamente? Parar de dar soco em ponta de faca? Só que, se parar, o que dirão os amantes do futebol limpo [...]. O jeito é continuar. Porque não tem outro jeito. E tem as netas... (2009, p. 10).

Kfourri acaba citando até as próprias netas que, em outros textos, são citadas por “cobrarem” a persistência do avô na luta pela transparência no esporte. O autor deixou esse traço de personalidade subentendido, já que o leitor, para saber do que se fala, precisa acompanhar os programas de televisão e de rádio de que Kfourri participa, além de sempre acompanhar as crônicas do autor, que sempre fazem referências às netas e a outros temas subjetivos e particulares do cronista.

#### *Por que só falamos de futebol*

Publicada em 1999 na *Folha de São Paulo*, a crônica em si tenta responder à pergunta que a intitula, discutindo com o leitor, como em uma conversa de bar, sobre o porquê de as discussões esportivas serem centralizadas no futebol. Apesar de ser publicada há 13 anos, a crônica ainda

aborda um tema atual, em que Kfourri conta sua trajetória como diretor da Placar<sup>10</sup>, onde era questionado sobre a criação de uma revista que englobasse todos os esportes. O autor aborda temas do cotidiano e, como diz Moisés (1984), mantém o diálogo com o leitor como um processo natural.

A verdade é que todos nós damos muito menos importância a nossos atletas olímpicos do que aos boleiros. [...] Dezenas de vezes, quando dirigia a revista 'Placar', fui questionado em escolas de jornalismo e de educação física sobre o pouco espaço dedicado aos outros esportes. Sempre respondi que os outros não vendiam. [...] Havia reações indignadas até, como se eu fosse um escravo do lucro, um capitalista sem alma. Então, entre outras coisas, explicava que não era o dono da revista. (2009, p. 93).

O fragmento citado demonstra, mais uma vez, a característica principal do texto de Kfourri: o diálogo direto. Moisés (1984) escreve que o cronista, simultaneamente em monólogo e diálogo, se oferece em espetáculo ao leitor. “O cronista [...] dotado de uma afinidade eletiva, graças à sua sensibilidade rica e apetente de comunhão” (MOISÉS, p.256, 1984). No texto, Kfourri assume erros e acertos, o que ocorre após escrever sobre a criação da “Placar Todos os Esportes” – uma experiência da revista Placar que visava alcançar novos públicos e, por isso, abria espaços para outros esportes além do futebol. Inicialmente, a experiência foi um grande sucesso. Porém, após nove meses, a revista acabou sendo extinta, devido à falta de interesse do público em outras modalidades além do futebol. O fato gerou o questionamento que intitula a crônica, que foi escrita em 1999 e ainda permanece sem resposta concreta.

Enfim, a questão é parecida com aquele anúncio de biscoitos; o Brasil é monoesportivo porque a imprensa só fala de futebol ou a imprensa só fala de futebol porque o Brasil é monoesportivo? (2009, p. 94).

Outra questão a ser discutida é a maneira como Kfourri foge dos padrões tão comuns na editoria de esportes: o jornalismo de resultado. Segundo Shuen (2005, p. 6), o cronista Nelson Rodrigues levantava essa bandeira nos anos 1950, quando se iniciou a discussão sobre a ditadura das matérias de resultado. Este modelo informativo ainda é muito utilizado por muitos veículos e jornalistas, mas não por Kfourri.

A abordagem de Juca Kfourri se distingue da massa tipográfica da imprensa esportiva. Poucos têm a audácia de questionar o próprio leitor e a própria imprensa. A brevidade com que o

---

<sup>10</sup> Revista esportiva mais tradicional do Brasil. Sua primeira edição foi publicada em 1970. Pertencente ao grupo Abril, hoje circula mensalmente.

jornalista trata o tema acaba atraindo mais leitores, justamente por não massificar o assunto, criando assim uma poesia do cotidiano. A escrita segue o tom de uma conversa, o que facilita a recepção da mensagem que Kfourri quer expor e também facilita para o cronista transmitir informação, seja ela qual for.

### *Morte e vida futebol*

A crônica *Morte e vida futebol* é uma alusão ao clássico livro *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, em que Juca Kfourri demonstra a influência da literatura na crônica. No livro, João Cabral de Melo Neto escreve sobre a vida difícil de migrantes nordestinos, relatando sua luta diária para sobreviver e, sobretudo, a guerra contra o fantasma diário da morte. No futebol, muitos garotos alimentam-se do sonho de virar jogador, que assim como a história do livro, vão até a cidade grande em busca do mesmo sonho: a fuga da morte prematura.

A crônica publicada na *Folha de São Paulo* traz uma análise do motivo das mortes causadas por brigas entre torcidas de futebol: a morte por um time. O cronista inicia o texto com duas citações, uma de Bill Shankly, gerente de futebol de um time inglês, e outra do jornalista José Roberto Torero – todas para contextualizar a morte de três torcedores, ocorrida na época. A de Shankly fala que o futebol não é uma questão de vida ou morte, é muito mais que isso. Torero afirma que o futebol é assassino, desonesto, é dinheiro e violência, ódio e cobiça. Para Kfourri, ambos têm razão, já que um escreveu de maneira circunstancial sobre as mortes e o outro usou de metáfora para mostrar a representatividade do futebol no cotidiano da nossa sociedade.

Feita a contextualização, Kfourri dá uma aula de como, a partir de uma abordagem esportiva, pode-se chegar a uma discussão mais politizada sobre diversos temas, tirando a banalidade dos assuntos esportivos, convencionalmente usadas em muitos veículos de comunicação. O cronista parte para uma análise do homem e das leis, tentando entender o porquê do recente acontecimento, sem deixar de se posicionar e reafirmar a personalidade, tão característica nas obras do autor.

O homem e suas atividades, suas ambições, seus sonhos, suas guerras, religiões, sua capacidade de ser intolerante. Definitivamente, não vale a pena morrer por causa de um time de futebol. E morrem muitos aqui e em países ditos mais avançados, mais civilizados. A pergunta talvez seja, nestes dias de puro ceticismo: há alguma ideia que valha uma vida? (2009, p. 120).

Neste trecho, o cronista demonstra sua habilidade em ampliar a discussão. As perguntas para o leitor também demonstram o que escreve Sá (1985), para o qual os cronistas possuem a função primordial de “antena de seu povo”, ou seja, a de descortinar para o público uma paisagem até então obscurecida ou ignorada por completo.

Muitos que se horrorizam a cada morte no futebol a estimulam ao dar vez e voz aos que apregoam a violência. E como a representação política caiu em absoluto descrédito, a representação sindical não soube se renovar, o sistema educacional é o caos que é, ficamos todos desorientados, incapazes de encontrar as soluções, por mais que haja leis que, em tese, as contemplem. (2009, p. 120).

A crítica às autoridades continua. Em seguida, o autor explica o artigo 17 do Estatuto de Torcedor, que obriga as entidades de futebol apresentar planos de ação para cada evento, mas virou “letra morta”, já que as autoridades competentes não fiscalizam seu cumprimento.

A luta para que se encontre a saída, por idealista, utópico e paradoxal que pareça, também não pode parar. Porque, em meio à tamanha barbárie, ainda existem aqueles que lutam a vida inteira, os tais imprescindíveis, um dia citados por Bertold Brecht. (2009, p. 120).

O autor finaliza o texto mostrando que a abordagem às vezes banal e simples geralmente feita pela mídia esportiva pode ser ampliada para outras discussões, mostrando que o cronista, além de tudo, é também uma fonte de informação. Como escreve Moisés (1984), qualquer assunto pode virar uma crônica, ou até a falta dele; basta a sensibilidade do cronista de demonstrar sua visão sobre o tema, articulando ao mesmo tempo o cotidiano e com as suas ressonâncias.

Outro ponto notável são os traços da crônica moderna, como escreve Marques de Melo (1985). Kfoury explora temas da atualidade e de relevância, com seu texto girando permanentemente em torno da atualidade, “captando com argúcia e sensibilidade o dinamismo da notícia que permeia toda a produção jornalística” (MARQUES DE MELO, p. 120, 1985).

A crônica em questão se aproxima, nesse sentido, da reportagem, pois tem o caráter informativo, mas carrega a reflexão do autor sobre o tema, que é garantida pela liberdade do gênero. A aproximação com a reportagem denota que, além de servir como distração ou leitura “leve”, a crônica pode informar, às vezes muito melhor do que a própria reportagem, justamente por prezar pela brevidade e pelo diálogo direto, que facilita o entendimento e atinge mais leitores.

Não se deve deixar de apontar a relevância da literatura na crônica. Por diversas vezes, o

autor fez referência à obras e à autores, mostrando que elementos da literatura, além dos jornalísticos, estão presentes no texto de Kfourri.

Como afirmam Moisés (1984) e Marques de Melo (1985), a crônica é um gênero tipicamente brasileiro; cronistas como Juca Kfourri são encontrados só aqui no Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crônica, gênero híbrido oriundo de uma fusão entre jornalismo e literatura, é um gênero textual dotado de características próprias e únicas, variando de autor para autor, o que a torna de difícil classificação.

As crônicas são marcadas pela personalidade e pelo estilo individual do autor, que pode transformar seu texto em uma conversa íntima com o leitor. Os cronistas buscam transmitir algo muito além da informação, dotado de reflexão, subjetividade e de características específicas do escritor, podendo tratar com leveza temas ásperos ou difíceis, facilitando o entendimento do leitor.

Pode-se perceber com a análise que o jornalista Juca Kfourri foge das abordagens tradicionais, demonstrando que existem muitas outras maneiras de criticar, discutir, conversar e opinar sobre o futebol e outros assuntos relacionados ao esporte. As crônicas de Kfourri têm como característica o diálogo direto com o leitor, como se representassem uma conversa de dois amigos em um bar. A personalidade transmitida tantas vezes pelo autor é elevada com a narração, geralmente em primeira pessoa, e pela abordagem de temas da sua vida pessoal – como o fato de ele citar suas netas. Assim, Kfourri aproxima o leitor do assunto, respaldado por informações e temas de impacto e interesse público, demonstrando sempre ser um admirador dos esportes.

Juca Kfourri possui um estilo próprio de escrita. A construção textual da crônica varia de cronista para cronista, justamente pela liberdade e flexibilidade tradicionais do gênero. Por essa liberdade, não existe como determinar uma maneira fixa para escrever crônicas, pois, como delas são recheadas de características pessoais dos escritores, é impossível ditar um modelo único. Cada um tem um jeito diferente de ver o mundo, de interpretar os acontecimentos e de transmiti-los. Assim como escreve Bakhtin (2003), os gêneros são relativamente estáveis e a crônica demonstra isso.

Então, este artigo abre caminho para outras pesquisas mais aprofundadas sobre a crônica, buscando analisar como o gênero é visto pelo leitor, quais características podem ser observadas nos textos de outros cronistas, entre outros aspectos relevantes para compreender sua

composição e circulação no meio jornalístico.

Além disso, o que pode ampliar o horizonte das pesquisas é o fato de que um cronista habilidoso, como é o caso de Juca Kfourri, tem o poder da transcendência, transformando seu texto em algo duradouro, possuindo um poder historicista, demonstrando os valores de uma época em relação a determinado assunto.

Assim como as obras literárias têm o poder da transcendência temporal, os cronistas escrevem com o objetivo, segundo Moisés (1984), de transcender o dia a dia pela universalização de suas virtualidades latentes – objetivo esse, via de regra, minimizado pelo jornalista de ofício. É essa a principal virtude do gênero que, em mãos habilidosas, pode ser uma fusão entre informação e literatura, agradando o leitor a ponto de não cair no esquecimento e durar, permanecendo na memória do receptor. A boa crônica nunca deve se tornar um pedaço de jornal destinado a embrulhar um peixe no dia seguinte.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- AMARAL, Luís. **Técnica de Jornal e Periódico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBEIRO, Heródoto, RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CASTRO, Gustavo, GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.
- KFOURI, Juca. **Por que não desisto?** Barueri: Disal, 2009.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker. 2000.
- MARQUES, J.. Futebol de Celebridades: o jornalismo de referência no Brasil e a cobertura das últimas Copas do Mundo. **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**, v. 2, n. 1, 2007.
- MELO, José Marques. **Gêneros jornalísticos da Folha de São Paulo**. São Paulo: F.T.D., 1992.
- \_\_\_\_\_. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MOISÉS, Massaud. **A criação Literária**. São Paulo: Cultrix, 1984.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, Fernando Antônio. **Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

SHUEN, Li-Chang. Noticiário Esportivo no Brasil: uma resenha histórica. **Revista Lâmina**, Recife/Pernambuco, v. 1, p. 1-20, 2005.